

## Impérios, Repúblicas e fronteiras (1840-1850)

Cláudio Antônio Santos Monteiro

A região do Prata oferece grandes possibilidades comerciais para os países europeus. Mas ela inquieta igualmente as cortes européias, na medida em que o sucesso dos negócios e da imigração direcionada ao terreno platino não depende exclusivamente das aspirações políticas, da diplomacia ou da máquina de guerra do “velho mundo”: elas se devem, em grande parte, à estabilidade da política interior e exterior dos jovens países independentes e a sua organização segundo o modelo de Estado-nação europeu. Testemunhos da evolução dos conflitos entre os países platinos, os diplomatas e os publicistas franceses são igualmente observadores do processo de consolidação do Estado imperial brasileiro e da progressiva centralização do poder de dom Pedro II. Nessa perspectiva, as linhas abaixo buscam analisar a ação da política externa da França na região do Prata, e o lugar do Império do Brasil segundo essa mesma política.

Atentos observadores da evolução dos conflitos entre o Império do Brasil, a República Argentina e o Uruguai, publicistas e diplomatas franceses, em posto no Rio de Janeiro, testemunham a consolidação do Estado imperial brasileiro e a progressiva centralização do poder de dom Pedro II, nas décadas de 1840 e 1850. Dessa forma, analisar os problemas da região platina segundo a ótica dos diplomatas e de alguns publicistas franceses nos leva a compreender, em primeiro lugar, o papel que a França acreditava ter na América do Sul; em segundo lugar, nos possibilita conhecer o lugar do Brasil no contexto da política externa francesa; e, por fim, nos permite relacionar o processo de consolidação das instituições imperiais no Brasil em uma nova perspectiva, a saber: sob o ângulo das influências e das pressões exercidas pelo jogo político internacional, característico da primeira metade do século XIX, no contexto da construção dos Estados independentes da América do Sul.

Analisamos inicialmente a correspondência diplomática sob as plumas de **Léonce Chevalier de Saint-Georges** (secretário da Legação francesa do Rio de Janeiro), de **His de Butenval** (ministro plenipotenciário do Rio de Janeiro), e de **Philippe-Eugène Guillemot** (que ocupou cargo ignorado nessa mesma Legação).

Em junho de 1847, o diplomata Léonce Chevalier de Saint-Georges informa o ministério francês sobre os significados da viagem de dom Pedro II ao Rio Grande do Sul. Aos olhos do secretário francês esta viagem marca os primeiros sinais de uma efetiva ação política do imperador no sentido de consolidar seu poder no Brasil. Segundo Saint-Georges, a viagem do imperador ao Sul era de fundamental importância por dois motivos pontuais: primeiro, porque a região visitada encontrava-se com suas fronteiras ainda indefinidas. Segundo porque, aos olhos do diplomata, somente através de uma ação enérgica da corte brasileira no extremo sul do Brasil seria possível garantir o respeito à ordem imperial, que se consolidava internamente. Fazendo alusão ao período no qual o Rio Grande do Sul esteve separado do Império, Saint-Georges informa:

“A província do Rio Grande de São Pedro é o prolongamento da bacia do Prata. Todo movimento que ocorre em Montevideu ou em Buenos Aires tem seus efeitos sentidos no Rio Grande; a cada nova comoção sobre um ou outro território, os habitantes das fronteiras, com seus hábitos nômades, ultrapassam as fronteiras, aliás ainda vagas e indeterminadas. É aqui que o Brasil é mais vulnerável em caso de guerra exterior, e que ele hoje deve ter o máximo de cuidado; Rosas, livre das pressões da França e da Inglaterra, pode atacar, contando com grandes vantagens ao explorar as disposições republicanas da Província, as brigas de partidos e a questão da escravidão. É também aqui que o Brasil em tempo de paz deve, segundo toda probabilidade, começar o mais cedo e mais integralmente seu movimento de colonização e de progresso interior”.<sup>1</sup>

Nessa mesma correspondência consular Saint-Georges procura sensibilizar o departamento francês sobre a necessidade da abertura de uma legação francesa no Uruguai, a exemplo dos ingleses, na medida em que ali a população francesa atingia a cifra de 13.765 pessoas.

Na correspondência do ministro plenipotenciário His de Butenval encontramos as mesmas preocupações expressas por Saint-Georges. Em 30 de dezembro de 1847, His de Butenval informa seu governo sobre as condições objetivas da política interna brasileira. Segundo o francês: “desde 1831, a guerra civil sempre havia ocorrido no

---

<sup>1</sup> A.M.A.E., Série Correspondance Consulaire et Commerciale, sous-série Rio de Janeiro, Léonce, Chevalier de Saint-Georges, 21 juin 1847.

Brasil, mas, a partir de 1846, a tranqüilidade havia sido estabelecida em todo o Império”.<sup>2</sup> Fazendo alusão ao contexto das múltiplas revoltas que haviam ocorrido no império nas décadas de 1830 e 1840 e à conciliação entre a Província do Sul e o Império (1845), no entender de Butenval por volta de 1847 estariam reunidas no país as condições internas para uma ação mais enérgica do governo brasileiro em suas fronteiras da região platina. Como seu colega da legação, His de Butenval aconselha o governo francês a desenvolver relações mais estreitas com o Brasil.

Para Philippe-Eugène Guillemot, cônsul que permanece no Rio de Janeiro de 1848 a 1849, e implacável crítico de Rosas, “só uma solução poderia influenciar decididamente as relações francesas na América do Sul, particularmente com o Brasil: uma política externa francesa que garantisse a progressão da influência francesa na região”.<sup>3</sup> Para Guillemot a França havia deixado sua presença na região platina em um estado de abandono, o que comprometia, no presente, sua posição na América do Sul. Segundo o diplomata, “esse abandono francês significaria dar ganho de causa à tendência anti-européia na região contra a qual a França lutara nos últimos quarenta anos”.<sup>4</sup> Guillemot toca em um tema polêmico, presente no limitado círculo de diplomatas e publicistas franceses, a saber: era necessário uma resposta francesa a Rosas. Partidário de Louis Napoleão Bonaparte, o diplomata e igualmente publicista francês propõe uma solução imediata para o problema:

“A França tem hoje grandes interesses na América do Sul e os negócios no Prata têm para nós uma dimensão que só daqui pode ser melhor apreciada. Nós acabamos de tomar conhecimento da mensagem de Rosas à Assembléia do país: como sempre, persiste a mesma linguagem provocativa com relação à França, cuja impunidade nunca pode ser explicada. O Brasil, onde o governo é a nosso favor, igualmente não é melhor tratado que nós. Permita minha franqueza de cidadão, que produzo aqui : o envio de 6000 homens à região platina é a única medida a se tomar”.<sup>5</sup>

Da mesma forma que o diplomata Philippe-Eugène Guillemot, o comerciante e

---

<sup>2</sup> A.M.A.E., Série Correspondance Consulaire et Commerciale, sous-série Rio de Janeiro, His de Butenval, 30 décembre 1847.

<sup>3</sup> A.M.A.E., Série Correspondance Politique, sous-série Brésil, Philippe-Eugène Guillemot, 23 décembre 1848.

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Idem.

publicista francês Benjamin Poucel<sup>6</sup> (1807-1872) defende igualmente uma intervenção francesa na região platina. Perfeitamente integrado aos círculos diplomáticos, em novembro de 1849 Poucel publica “*Estudos dos interesses recíprocos da Europa e da América – a França e a América do Sul*”, um livro dedicado a Luis-Napoleão Bonaparte. Neste, Poucel procura sensibilizar o chefe do governo francês sobre a necessidade de uma intervenção militar na região platina. Seu interesse é mostrar a Napoleão a oportunidade que se apresentava à França na direção de um posicionamento mais enfático com relação aos conflitos que ocorriam na região. Do ponto de vista do autor, os acontecimentos na região não se resumiam aos habituais conflitos de ordem política, característicos das instáveis repúblicas platinas, mas diziam respeito a problemas mais profundos, os quais afetariam a posição francesa na América do Sul. Nessa perspectiva, assevera o francês:

“O caso da região platina vai resultar em uma revolução definitiva. Esta questão está providencialmente entre suas mãos, para abrir uma nova era a nossa sociedade, cuja efervescência é tão difícil de se moderar: a era da prosperidade pelo trabalho. A solução é uma imigração contínua, mas prudente e regular. Esta imigração é oferecida à França não somente pelo rio do Prata, mas por diversos outros Estados da América do Sul. A Europa tem muito o que faz falta na América. Entornar o excesso de população européia sobre as terras inabitadas da América produziria resultado imediato e eficaz. Se o século XVI foi para a América a época de uma conquista brutal, que o XIX se torne o século de sua organização social. (...) Sobretudo a Europa tem o secreto pré-sentimento de uma insuficiência de espaço para as gerações futuras. (...) Hoje é hora de uma grande aliança, a dos dois hemisférios, para a fusão íntima dos elementos de sua

---

<sup>6</sup> O marselhês Poucel é comerciante e reside no Uruguai entre 1836 e 1853, onde cria carneiros. Durante a guerra civil Uruguai e a intervenção anglo-francesa na região (1845-1851), vários habitantes franceses residentes no Uruguai foram feitos prisioneiros, muitos entrando em falência, dentre os quais Benjamin Poucel. Em 1854, Poucel passa a residir na Argentina, onde permanece até 1857. Em 1858, após ter residido no Brasil, Poucel retorna definitivamente para a França. Em vida, Poucel sempre lutou pelo alargamento das relações entre a França e a região platina, sendo um dos grandes incentivadores para a imigração francesa para o Uruguai. Durante a intervenção francesa no México, Poucel publica vários livros: *Description de la province de Catamarca*, que aparece no boletim da Société de Géographie française, *Mes itinéraires dans les provinces du Rio de la Plata (1854-1857)*, *Les otages de Durazno, souvenirs du Rio de la Plata pendant l'intervention anglo-française de 1845-1851* e *Le Paraguay moderne* (os três primeiros livros foram publicados em 1864 e o último em 1867).

<sup>7</sup> Benjamin POUCEL, *Etudes des intérêts réciproques de l'Europe et de l'Amérique - la France et l'Amérique du Sud*, Paris : Librairie Guillaumin et Cie, novembre 1849.

mútua prosperidade. (...) A Europa emprestará seus braços supérfluos às terras solitárias da América. Tal é a missão da França em nome da Europa, e a realização dessa grande obra vos é reservada. A América do Sul deve a Napoleão sua independência; que ela deva ao herdeiro do seu nome sua libertação moral e sua prosperidade material. Tudo vos convém: o passado, o presente da Europa e o futuro dos dois hemisférios”.<sup>8</sup>

As preocupações de Benjamin Poucel aparecem aqui em perfeita comunhão com as proposições de Philippe-Eugène Guillemot: ou seja, o próprio repouso político da França depende de sua emigração, o que minimizaria as pressões do mundo do trabalho francês em rápida expansão. Testemunho de uma Europa convulsionada pelo sopro revolucionário de uma dupla revolução (a política francesa de 1789, e a industrial inglesa), na visão do francês a sorte da França dependeria, em grande parte, do êxito de uma hábil política externa: no caso em debate, de sua tomada de posição na América do Sul.<sup>9</sup>

Entretanto, além das disputas da França com a república de Rosas, Poucel nos assinala igualmente o desejo de concorrência francês com relação aos ingleses e à prosperidade dos norte-americanos. Em uma passagem do seu livro, Poucel assevera: “a raça anglo-saxã aspira à invasão comercial do planeta”.<sup>10</sup> De fato, o francês não está muito longe dos dias em que se vulgarizaria, a partir da França da III República (1870), o conceito de América Latina. Conceito que procurou atender, entre outras coisas, à formulação de uma nova denominação geopolítica para a América do Sul independente, portanto não mais espanhola nem portuguesa. Sendo seu maior ideólogo Michel Chevalier, o conceito de América Latina punha tanto os estados latinos da Europa como as jovens nações sul-americanas sob o “patrocínio da França”, potência européia do grupo latino.

Nesse sentido, fazendo suas as palavras de Michel Chevalier, Poucel julga necessária a consolidação de uma aliança sólida entre todos os jovens Estados da América do Sul e a França, na certeza de que “a França me parece chamada a exercer uma liderança sobre os povos da América do Sul que encontram-se fora do estado de se bastarem a si próprios”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Ibid., pp. 3-4.

<sup>9</sup> Benjamin POUCEL, *Etudes des intérêts réciproques ...*, op. cit., p. 6.

<sup>10</sup> Benjamin POUCEL, *Etudes des intérêts réciproques ...*, op. cit., p. 6.

<sup>11</sup> Idem.

No curso dos anos 1849-1850, o já citado Philippe-Eugène Guillemot quebra o segredo diplomático renovando abertamente, através de duas publicações, seus apelos ao príncipe-presidente. Com efeito, seus dois livros – *A América do Sul e Estado do comércio e do tráfico no Brasil: missão de Eugène Guillemot, ministro da república francesa (1848-1849)*<sup>12</sup> – são destinados a Luis-Napoleão. Fazendo uso dos mesmos argumentos presentes em sua correspondência consular, o diplomata ingressa na esfera publicista fazendo ecoar os argumentos de Poucel com mais clareza, estabelecendo relações diretas entre a situação do proletariado francês e os problemas e limites que a região platina impunha à emigração francesa para a América do Sul.<sup>13</sup> Guillemot nos revela assim uma interessante perspectiva sobre os objetivos da emigração por volta de 1850, essa não visando apenas socorrer as necessidades de braços europeus para a construção da civilização em uma América independente, mas antes atendia a aos problemas no interior da própria França, como solução aos problemas do proletariado francês e da ordem interna.

Retomando as posições assumidas por Poucel e Guillemot, em 1850 um outro observador francês reforça os apelos abertos a Napoleão. Trata-se de Alfred de Brossard, que em 1847 tomou parte da missão extraordinária francesa enviada à região platina. Brossard, entretanto, conjuga os perfis de diplomata e de negociante, pois ao mesmo tempo que transita no mundo diplomático é responsável pela publicação do *Jornal dos Economistas* e do *Dicionário do Comércio e dos mercadores*.

Seu livro, *Considerações históricas e políticas sobre as repúblicas do Prata nas suas relações com a França e a Inglaterra*, publicado em 1850, é, em grande parte, baseado nas asseverações de Guillemot, Poucel e Thiers, entre outros contemporâneos voltados para o mundo diplomático e dos negócios.

No prefácio do seu livro dedicado a Luis-Napoleão, o autor revela o tom do seu discurso, afirmando categoricamente que “Deus, destinando ao homem a terra como moradia e para o império, lhe impôs, por isso mesmo, a obrigação de fazer conquistas. Ele submeteu o gênero humano à lei da expansão”.<sup>14</sup> A estratégia de Alfred de Brossard

---

<sup>12</sup> Philippe-Eugène GUILLEMOT, *L'Amérique du Sud*, Paris : Lange Lévy et Cie, 1849 ; *Etat du commerce et de la traite au Brésil: mission de M. Eugène Guillemot, ministre de la république française (1848-1849)*, Paris : Imprimerie H. Fournier et Cie, 1850.

<sup>13</sup> Philippe-Eugène GUILLEMOT, *L'Amérique du Sud*, *op. cit.*, p. 5.

<sup>14</sup> Alfred de BROSSARD, *Considérations historiques et politiques sur les républiques de la Plata dans*

foi a de fazer um balanço dos interesses franceses na América do Sul de maneira a despertar o interesse do governo francês na região. Para tanto, o autor define a missão que a França deveria seguir: “afirmar na América do Sul seu nome e sua legítima influência estremecida”.<sup>15</sup> Sendo o Uruguai o “principal mercado e zona de imigração francesa na América Meridional”<sup>16</sup>, para Brossard nada mais óbvio que uma missão francesa para a manutenção da independência uruguaia, naquele momento, ameaçada por Rosas, da Argentina.

Entretanto, emigração, negócios e mercados só se realizam dentro da ordem, quer dizer, sob uma base mínima de estabilidade política, sendo esse o objetivo central da França, na voz dos múltiplos testemunhos aqui examinados. Dessa forma, o fim primordial da presença francesa no Uruguai seria, na voz de Brossard, “proteger o Brasil da mesma ameaça da vizinha confederação argentina”.<sup>17</sup> Nessa perspectiva, podemos dizer que a liberdade uruguaia ou, em outras palavras, o enclave francês na região platina era uma necessidade para a emigração francesa e uma garantia para o Brasil, constantemente ameaçado pela confederação argentina de Rosas.

Por fim, com relação ao Brasil naquele contexto, o que se encontra no centro das preocupações de publicistas e diplomatas franceses diz respeito, sobretudo, ao programa de constituição de um Império sólido e estável, porém com um problema central, a escravidão e a necessidade do tráfico.

Entretanto, por volta dos anos 1850, a confluência, de um lado, da tomada de posição do governo brasileiro com relação ao tráfico e, de outro lado, a existência de sinais da progressiva consolidação das instituições imperiais no Brasil, é um alento aos observadores franceses, que vêem em dom Pedro II e seu Império um terreno de possível estabilidade.

Nessa perspectiva, em 1851, na célebre *Revista dos Dois Mundos* – organismo francês voltado sobretudo para o mundo diplomático, da política e dos mercados –, sob a pena de Emile Âdet podia-se ler o artigo intitulado *O Império do Brasil e a sociedade*

---

*leurs rapports avec la France et l'Angleterre*, Paris : Librairie de Guillaumin, 1850, p. 2.

<sup>15</sup> Ibid. p.3

<sup>16</sup> Ibid. p. 414

<sup>17</sup> Ibid. p. 417.

*brasileira em 1850.*<sup>18</sup> Conhecedor da Lei Eusébio de Queiroz, o cronista francês começa seu artigo afirmando categoricamente que: “o Brasil é, depois dos Estados-Unidos da América, a potência mais regularmente organizada do novo mundo”.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Emile ADET, « L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850 », in *Revue des Deux Mondes*, novembre 1851. pp. 1083-1105.

<sup>19</sup> *Ibid.* p.1082.